

Profetários de todos os países: UNI-VOS!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS!



Na Grundig GREVE TOTAL VITORIOSA

2.700 operários ocupam a fábrica

Não se contentando com os lucros churudos obtidos em Portugal à custa do baixo preço da mão-de-obra portuguesa (6 vezes mais barata que na Alemanha), os exploradores da Grundig descobriram um processo fácil de tornar ainda mais rendosa a super-exploração dos trabalhadores portugueses: transferir a seu belo prazer os trabalhadores do Sindicato para Sindicato, numa corrida aos Contratos Colectivos de Trabalho menos favoráveis aos trabalhadores.

Assim, logo que foi aprovado o C.C.T. dos electricistas, para se esquivarem a satisfazer as novas regalias conquistadas pelos trabalhadores, apressaram-se a transferir a maioria do pessoal para o Sindicato dos metalúrgicos; agora que foi aprovado o C.C.T. dos metalúrgicos, mais vantajoso para os trabalhadores relativamente ao dos electricistas, os senhores da Grundig ensaiaram a manobra inversa. Era a exploração imperialista em pleno regabofe.

Os trabalhadores servem-se da sua melhor arma: a greve

Desta vez, porém, os trabalhadores estavam atentos e a repetição da falcatura patronal chocou-se com a sua firme disposição de luta, com a sua unidade.

No dia 12-2 (6ª feira), ao verificarem que o patronato insistia em pagar a fêria segundo as condições do C.C.T. dos electricistas, os trabalhadores manifestaram o seu descontentamento com gritos de protesto exigindo o salário estipulado no contrato dos metalúrgicos a que tinham direito. O patronato, porém, não os quis ouvir. E os trabalhadores resolveram servir-se da sua melhor arma. Na segunda-feira seguinte, ocupando os seus lugares de trabalho, os operários da Grundig, unânimes, deram início à greve na qual se mantiveram três dias — até à vitória.

Falham as manobras de intimidação da polícia e dos patrões

O aparato policial à volta da fábrica tornou-se aparatoso, mas os trabalhadores não se deixaram intimidar. Numerosas reuniões

têm lugar no Sindicato. A exploração imperialista em Portugal, de que a Grundig é apenas um exemplo, é denunciada.

O director alemão da Grundig manobra para protelar o problema até Março. Mas a posição dos trabalhadores mantém-se inabalável.

Numa clara manobra de intimidação e divisão, a direcção da fábrica propõe que as negociações prossigam apenas com a Comissão dos Trabalhadores. Porém, a unidade dos trabalhadores não sofre brecha. A Comissão não se deixou comprir pelo patronato.

No segundo dia de greve total com ocupação da fábrica, a polícia invade-a violentamente, fecha as portas para impedir o contacto entre os trabalhadores das diversas secções e aos empurrões, procura obrigá-los a retomar o trabalho. Mas os trabalhadores mantêm-se firmes como rochas. A tensão sobe. Em dado momento, numa secção, uma operária grita e desmaia. Ouvindo isto, nas outras secções, os trabalhadores reventam com as portas e juntam-se todos protestando indignadamente contra a polícia, enquanto levantam autênticas barricadas dentro da fábrica. A polícia é obrigada a recuar.

O governo e o patronato alarmam-se

Os trabalhadores das outras empresas da cidade acolhem com entusiasmo a notícia da greve.

Na Fábrica dos Sarotos está prevista uma greve de solidariedade para o dia 17. A greve ameaça propagar-se a outras empresas. O governo e os industriais da metalurgia alarmam-se ante o evoluir da situação. O Ministério do Interior pressiona os capitalistas alemães com vista à obtenção rápida dum acordo enquanto os industriais da metalurgia de outras empresas contactam pressurosos com o Sindicato para lhes garantir a sua inocência, pois então...

No terceiro dia de greve, a direcção da Grundig, com um director vindo expressamente da Alemanha, vê-se forçada a ceder em toda a linha. OS TRABALHADORES ALCANÇAM ASSIM UMA VITÓRIA TOTAL, a qual se cifra em aumentos de 49% a 70% com efeito a partir de 1 de Janeiro passado.

Ao levantarem a greve no meio da alegria geral, os valentes operários da Grundig tinham razões de sobra para isso. Com efeito, a sua vitória não se resume ao justo aumento conquistado. Pondo à prova as inesgotáveis energias combativas da classe operária, o seu exemplo de luta contra a exploração, rico de ensinamentos, é por si só uma vitória de que justamente os trabalhadores se podem orgulhar.

Aos trabalhadores das numerosas empresas estrangeiras instaladas no nosso País, a GREVE DOS OPERÁRIOS DA GRUNDIG ensina que Portugal, transformado em paraíso para os exploradores imperialistas, poderá deixar de sê-lo.

Aos trabalhadores de todas as empresas do País, a GREVE DOS OPERÁRIOS DA GRUNDIG ensina que, lutando com firmeza, determinação e unidade, é possível forçar o patronato a satisfazer as suas justas reivindicações de aumento de salário e outras, a fazer recuar os exploradores, o governo e a sua polícia.

Contra o fascismo caetanista REFORÇAR A ORGANIZAÇÃO E A ACTIVIDADE CLANDESTINAS INTENSIFICAR A ACCÃO LEGAL

Na ampla troca de ideias com os camaradas da RPL, que esta transmitiu sob a forma de entrevista, a 29 de Janeiro, afirmou o Secretário Geral do nosso Partido, camarada

Alvaro Cunhal:

«... O governo tem medo. Sim, tem medo. Tem medo do povo. Tem medo da luta popular. Tem medo que o povo continue a voltar contra ele a sua própria demagogia»

E noutro passo:

«... O regresso ostensivo aos métodos salazaristas expressa o fracasso da demagogia liberalizante».

Os fascistas encarregam-se de dar uma nitida ilustração a estas palavras através da conferência da ANP (28 e 29 de Fevereiro) e do longo discurso que M. Caetano aí pronunciou.

A «ameaça de dissolução social» é, na boca de M. Caetano, a expressão que traduz o pavor dos fascistas ante o desenvolvimento da luta popular.

E em que consiste a «dissolução social»?

É a luta e o movimento sindical, a que ele chama o perigo dos sindicatos fascistas se transformarem em «instrumentos revolucionários da luta de classes». É a adesão crescente da juventude aos ideais do socialismo, a que ele chama as «solicitações e tentações das utopias, dos mitos, da violência». É a luta estudantil, a que ele chama «o tripudiar nas escolas de minorias audaciosas que perturbam o ensino». É a resistência nos quartéis e a luta contra a guerra colonial, a que ele chama «a campanha de denegrimiento das forças armadas» e «o desbocado ataque à presença de Portugal no ultramar».

É, enfim, o reconhecimento de que o povo português, lutando pelos seus interesses e reivindicações maiores, soube voltar contra o governo a sua própria de-

(cont. na 2ª pag.)

Criada a União dos Estudantes Comunistas

AO TRABALHO, CAMARADAS!

Na sua resolução de Novembro passado, o C.C. do P.C.P. afirmou considerar preenchidas as condições objectivas e subjectivas para a criação de uma organização nacional dos estudantes comunistas, estreitamente ligada ao P.C.P. e com autonomia orgânica.

Tal organização, sob a designação de União dos Estudantes Comunistas (U.E.C.), acaba de ser criada.

Na sua Declaração, datada de Janeiro, anunciando a sua constituição, a U.E.C. afirma reconhecer «o papel dirigente do prole-

tariado na revolução socialista e o P.C.P. como vanguarda revolucionária do proletariado de Portugal e força política determinante no movimento antifascista», e «propõe-se desenvolver o movimento dos estudantes pelos seus objectivos específicos, unir, organizar e mobilizar os estudantes em torno dos grandes objectivos políticos do povo português, estreitar a ligação da luta estudantil com a luta da classe operária e das massas populares e dar-lhe uma perspectiva revolucionária». A U.E.C. afirma também que luta

por 4 grandes objectivos políticos: contra a ditadura fascista e pelas liberdades democráticas, contra a guerra colonial e contra o colonialismo, contra o imperialismo e pela verdadeira independência de Portugal, pelo socialismo, e o comunismo, grandes ideais da juventude.

Os comunistas, que têm acompanhado de perto o desenvolvimento, os sucessos e adversidades do movimento estudantil e o consideram a justo título um dos mais aguerridos sectores da luta

(cont. na 4ª pag.)



Contra o fascismo caetanista

(cont. da 1ª pág.)

magogia «apesar da proclamação com que se tem caminhado.»

M. Caetano não só confessou o fracasso da demagogia «liberalizante», como revelou as dificuldades e contradições que minam o campo fascista. Há «carências de dirigentes», «entram os chefes em dúvida», «professores resignam-se à indisciplina», «quase se tem pudor em aplicar as sanções ou de usar os meios normais de reprimir», isto é, a luta contra a repressão os crimes da PIDE-DGS ganhou novos sectores da população e repercutiu em certos meios do regime. Verbera ele, ainda, que no seu próprio campo a demagogia não tenha sido compreendida, julgou-se que a «abertura» era mesmo abertura, não se percebeu o «jogo», não se viu que o «novo estilo» tinha apenas em vista reforçar a «colaboração dos cidadãos com o governo» e não a conceder qualquer espécie de liberdades, pois, essas, como advertira no seu discurso de posse, teriam de continuar a ser sacrificadas à «situação de emergência».

Esta descrição apocalíptica serve a M. Caetano para retirar os argumentos com que procura justificar a intensificação da repressão, da qual apresenta a sua teoria. Ele chama-lhe filosofia do poder, o que é significativo. Trata-se, aliás, de «encorajar o que representa o bem e combater e reprimir o que traduz o mal».

O «bem», para ele, são, naturalmente, os interesses dos monopólios, a exploração das massas trabalhadoras, a opressão do povo português, os crimes dos assassinos da PIDE-DGS, a dominação e as guerras coloniais.

O «mal», para ele, são, evidentemente, a luta da classe operária e dos trabalhadores portugueses contra a exploração e por melhores condições de vida, a luta pelas liberdades democráticas, a luta contra a dominação pelo imperialismo, a luta dos povos das colónias pela independência nacional, a luta contra a guerra colonial e para que seja reconhecido a esses povos o direito à independência.

Aos que representam o «mal», aos que «se recusam a participar na obra colectiva», que é como quem diz, os que não abdicam das suas ideias e combatem a ditadura fascista, afirma ele, não hesitar em não os incluir no número dos «bons portugueses».

Atacando o activismo fascista e a matilha da PIDE-DGS, atacando os ódios que disse no passado que gostaria que se desfizessem, lançou o labéu de «desertores», não apenas contra os que se recusam a combater no exército colonialista, mas contra todos os que lutam contra a sua política

ou simplesmente discordam dela:

Não deixou M. Caetano, à boa maneira fascista e na melhor tradição salazarista, de agitar o espantallo do comunismo com três objectivos principais: cavar a divisão no movimento democrático e isolar o nosso Partido; intimidar os sectores políticos que se dispõem à unidade com os comunistas; justificar a repressão não só contra os comunistas, mas contra todos os antifascistas. Foi para isso que ele citou, deturpando miseravelmente, o Programa do Partido Comunista Português.

Referindo-se às tarefas políticas de momento, na troca de ideias com os camaradas da RPL, dizia o camarada A. Cunha:

«A situação actual, a intensidade da repressão e a ameaça (que não é um «bluff») duma ofensiva repressiva ainda mais violenta, torna indispensável que reforçemos a organização clandestina e as formas ilegais de luta. Ao mesmo tempo, continuaremos com persistência não só a utilizar todas as possibilidades de organização e acção legais e semi-legais que se ofereçam, como a procurar alargá-las e criar novas possibilidades.» E sublinhava: «Isso é essencial para fortalecer a ligação da vanguarda revolucionária com as massas, para organizar as massas, para reforçar e ampliar todo o movimento popular.»

Os últimos acontecimentos reforçam o alcance desta orientação.

O nosso Partido, ao mesmo tempo que trabalha incansavelmente para reforçar a sua própria organização e actividade clandestinas está pronto, como repetidamente tem afirmado, a cooperar com todos os sectores políticos antifascistas dispostos à unidade no terreno clandestino. Estamos seguros, e as experiências realizadas comprovam-no, de que a criação de estruturas clandestinas unitárias voltadas para campos restritos de actividade ou visando uma cooperação geral, representará um passo de grande importância para o desenvolvimento do movimento democrático.

Mas como o camarada A. Cunha também salientou: «Nas condições existentes em Portugal, nenhum trabalho revolucionário poderá desenvolver-se com êxito, se essas possibilidades (legais e semi-legais) de acção, de organização, de esclarecimento, são desprezadas.»

Dat que saudamos a forma como os democratas de alguns distritos aproveitaram a passagem do 31 de Janeiro para realizarem amplos e públicos debates sobre a situação política, os esforços que se fazem para reverter e adaptar à situação as estruturas legais e semi-legais do movimento democrático.

É urgente que o movimento democrático saia da concha. O seu reforçamento futuro dependerá muito da capacidade de aparecer AGORA, pelas suas acções e pelos seus iniciativas políticas, à luz do dia.

O debate sobre as possibilidades e as modalidades de aproveitamento das próximas «eleições» para a A.N. fascista, está na ordem do dia.

O tormento da vida cara, a repressão e as torturas dos presos, a dominação crescente do imperialismo sobre o nosso país, o prosseguimento da guerra colonial com as suas consequências catastróficas — exigem que os democratas portugueses, como movimento, tomem posição.

RÁDIO PORTUGAL LIVRE

10 anos ao serviço da luta PELA DEMOCRACIA E PELO SOCIALISMO

Foi há 10 anos, no dia 12 de Março de 1962, que Rádio Portugal Livre, ao serviço do povo, da democracia e da independência nacional, lançou para o ar a sua primeira emissão, marcando uma importante vitória contra a ditadura fascista.

Ao longo destes 10 anos, graças aos esforços e ao prestígio do P.C.P. e à dedicação e espírito de sacrifício dos camaradas que trabalham na nossa Rádio, esta tem transmitido os seus programas sem uma falha, dia após dia, ao princípio com um só período de emissão e hoje já com três períodos, em três horas de emissão diária e em vários comprimentos de onda.

Criada e mantida para levar as ideias da democracia e do socialismo às fábricas e oficinas, aos campos, escolas e Universidades, às forças armadas e a cada lar português, a Rádio Portugal Livre foi desde o primeiro momento acolhida com enorme entusiasmo pelo nosso povo.

Voz do Partido Comunista Português, a RPL tem sido um valioso instrumento de divulgação da orientação do nosso Partido, tem levado ao conhecimento das massas os mais importantes documentos dos seus organismos dirigentes e as opiniões das camaradas da direcção e outros militantes destacados através de entrevistas e atacações feitas aos seus microfones.

Defensora da unidade de acção de todas as forças antifascistas, a nossa Rádio também tem posto os seus microfones à disposição de outros democratas de diferentes tendências políticas da Oposição.

Tribuna de combate pelas liberdades democráticas, faz uma denúncia constante dos crimes da PIDE-DGS e das outras forças repressivas, desenvolve campanhas em defesa dos presos políticos, pela sua libertação e pela Amnistia.

Nos programas da RPL é dado um lugar de destaque aos problemas da classe operária e demais camadas trabalhadoras da cidade e do campo, à defesa dos seus interesses mais prementes, contra a exploração capitalista. Voz que o fascismo não pode amordaçar, quebra o silêncio que este impõe aos órgãos de informação sob o seu domínio e chega aos trabalhadores, mesmo aos que se encontram em regiões mais isoladas, dando-lhes a conhecer com a maior rapidez possível as experiências de luta, as movimentações que se desenvolvem e as vitórias conseguidas pelos seus camaradas do Norte ao Sul do país.

Durante estes dez anos, a RPL tem desmascarado sem descanso a política de traição nacional dos governos fascistas de Salazar e de M. Caetano, apelando à luta contra o imperialismo e pela independência nacional.

O ataque permanente ao colonialismo português, a denúncia dos crimes das guerras coloniais e dos interesses dos monopolistas portugueses e estrangeiros que as determinam, tem sido um dos mais importantes aspectos do trabalho de Rádio Portugal Livre e contribuído em larga medida para a resistência contra as guer-

ras coloniais entre o nosso povo e as Forças Armadas. A grande contribuição dada pela RPL à luta anti-colonialista é reconhecida pelos próprios movimentos de libertação das colónias portuguesas, MPLA, PAIGC e FRELIMO, cujos dirigentes e militantes por várias vezes têm falado aos seus microfones. Ainda recentemente um representante da RPL, um comunista português, fez uma interessante série de reportagens nos territórios libertados da Guiné, a convite do PAIGC.

Ao mesmo tempo que serve de poderoso elo de ligação entre os trabalhadores de Portugal e os trabalhadores do Mundo inteiro, abre às lutas actuais do povo português perspectiva do socialismo e do comunismo divulgando, com exemplos concretos da vida dos povos da União Soviética e de outros países socialistas, as realizações e conquistas do socialismo.

O 10º aniversário de Rádio Portugal Livre deve ser comemorado por todos os camaradas militantes e simpatizantes com a audição cada vez mais regular das suas emissões, com um trabalho mais persistente para aumentar o número dos seus correspondentes e maiores esforços para que os trabalhadores e as massas sem partido ouçam diariamente a nossa Rádio.

Pelo 10º aniversário da RPL, o «Avante!» dirige as mais calorosas e fraternais saudações revolucionárias à sua equipa de locutores e redactores e a todos os que trabalham na nossa Rádio e velam pelo seu funcionamento sem poupar sacrifícios, para que dia e noite a voz do Partido Comunista Português chegue ao nosso povo, contribuindo para tornar mais próximo o dia da libertação, o dia da vitória da classe operária e do povo português.

A R.P.L. transmite

diariamente em 3 períodos de emissão. A potência da primeira e da última emissões acaba de ser aumentada.

Assim, a emissão das 8 às 8,30 é transmitida em 19, 20, 20,8 e 25 metros. A emissão das 24,30 às 24,50 é transmitida em 23, 28, 32 e 36 metros. A emissão das 19 às 21 continua a ser transmitida em 19 e 25 metros.

Aos domingos, transmite das 13 às 13,30 em 19, 20, 25 e 26 metros.

Batalha vitoriosa

(cont. da 6ª pág.)

Dr. Brochado Coelho, a propósito de torturas aos presos, desmascarando-se, disse: «Não tardará que conheça de facto os nossos métodos».

A resposta a provocações e ameaças deste tipo não pode ser outra que a acção unida e permanente de todos os democratas e antifascistas contra todas as formas de repressão política exercida pela ditadura, em defesa dos presos, pela AMNISTIA.

RÁDIO MOSCOVO

Transmite todos os dias para Portugal em duas emissões, das 19,30 às 20 e das 20,30 às 21 horas, em 31, 41 e 49 metros.

Contra a exploração patronal A CLASSE OPERÁRIA PASSA À OFENSIVA

O congelamento dos salários, a actual campanha para o aumento da produtividade baseada na intensificação do trabalho, as manobras do patronato para prolongar o horário semanal dos trabalhadores à sombra do «Novo Regime Jurídico do Trabalho», a recusa do patronato a respeitar os direitos conquistados pelos trabalhadores à custa de dura luta, a prática anulação dos Contratos e Acordos Colectivos de Trabalho com as chamadas «ressalvas», ou a sua violação constante por parte do patronato, são expressão clara da acentuada política de exploração do governo caetanista.

Mas esta ofensiva de exploração encontra uma resistência cada vez maior da classe operária e das massas trabalhadoras. Tal como na Grundig, o descontentamento transforma-se em acção em muitas empresas.

Na SOREFAME (Venda Nova-Amadora), depois de recorrerem a formas de luta cada vez mais enérgicas, os 1.600 operários desta empresa metalúrgica conquistaram aumentos de salários de 400\$00 a 1.000\$00 mensais.

A par de inserções aparecidas várias vezes nos locais da empresa, com as frases «Queremos aumentos!», «Não queremos horas extraordinárias!», «Sem aumento não haverá produção», os trabalhadores recorreram a abaixo-assinados, comissões de secção junto de mestres e encarregados, e ao trabalho lento, provocando uma acentuada baixa de produção, forçando desta forma o patronato a ceder.

Na EDUARDO FERREIRINHA (Porto), ao terem conhecimento que o patronato lhes queria tirar a semana americana em vigor, os trabalhadores passaram à acção imediata. Um abaixo-assinado de protesto com cerca de 350 assinaturas colhidas num só dia é entregue na Administração nesse mesmo dia. O patrão recua.

Protestando contra despedimento sistemático de metalúrgicos, os trabalhadores enviam um abaixo-assinado ao ministro das Corporações com cerca de 300 assinaturas.

Desmascarando a prepotência patronal manifestada na recusa da Administração aceitar os membros da Comissão de Segurança, eleitos pelos trabalhadores, dirigem um abaixo-assinado à direcção do Sindicato dos Metalúrgicos com cerca de 200 assinaturas.

Na secção de montagem (com cerca de 50 trabalhadores), os operários paralisaram o trabalho durante 15 minutos para ir reclamar aumento ao encarregado-geral.

Em sinal de protesto contra a falta de pagamento de salário no dia 31 de Janeiro, como era devido, os operários da secção de montagem paralisam o trabalho das 17,30 às 18,30. Noutras secções, os trabalhadores recorrem ao tra-

balho lento. O patrão recua. A fim de evitar que os trabalhadores levem a cabo uma paralisação geral, efectua o pagamento reclamado antes da hora marcada para a paralisação. Depois disto, contrariamente ao habitual, os trabalhadores abandonam o trabalho quase todos à mesma hora e, formando grandes bichas, vão receber o salário durante as horas de trabalho.

Numa demonstração de que o espírito de luta não amainou, os operários da secção de montagem voltam a reclamar aumento de salário junto do encarregado-geral. E quando este argumenta de novo com a saída do C.C.T., os trabalhadores insistem que o que querem é aumento.

Na CASA DA MOEDA (Lisboa), os trabalhadores erguem-se contra a exploração do Estado-patrão subcrevendo uma exposição onde reclamar aumento de salário, fazem greve às horas extraordinárias e recorrem ao trabalho lento. A Administração procura intimidar. Chamando alguns trabalhadores, alega que aquela era a orientação dada pelo Partido Comunista. A tais manobras de intimidação, os trabalhadores devem responder com o reforço da sua unidade e firmeza combativa.

Na CUF (Barreiro), um numeroso grupo de jovens ajudantes paralisaram o trabalho durante 3 horas e concentraram-se no escritório do agente técnico reivindicando um aumento de 20\$00 diários para todos.

Recebidos com ameaças de intervenção da GNR, de despedimentos e outras, os jovens não se deixaram intimidar e mantiveram-se concentrados insistindo na sua justa reivindicação.

O patronato cedeu apenas parcialmente, pois apercebeu-se que nem todos os operários participavam nesta acção. O aumento concedido foi apenas de 10\$00 e nem todos os ajudantes foram abrangidos.

Na LAPIDAÇÃO DE DIAMANTES (Lisboa), os trabalhadores passaram a movimentar-se na empresa com vista à resolução dos seus problemas sindicais.

Numa reunião que realizou na empresa, elegem uma Comissão encarregada de elaborar uma exposição a entregar no Sindicato, a qual é aprovada em nova reunião no dia seguinte. A exposição, assinada por 248 operários num total de 270, declara expressamente que os trabalhadores não desejam ser incluídos na proposta de Contrato Colectivo de Trabalho que a direcção-técnica está a elaborar nas costas dos trabalhadores e denuncia outras arbitrariedades.

Ao mesmo tempo, através da Comissão eleita, os trabalhadores passam a reclamar aumento de salário na empresa.

Na MARRINHOS (Porto), os trabalhadores lutam para obrigar o patronato a respeitar os seus direitos que recusa considerar trabalho nocturno o efectuado entre as 7 e as 8 horas da manhã para se esquivar ao pagamento de um acréscimo de 25% estipulado no contrato.

Para protestar contra este roubo, foram escolhidas 2 operárias que deveriam defender os direitos dos trabalhadores junto do patrão. Tal não aconteceu, porém, porque a escolha foi errada, tendo as duas operárias acabado por se venderem miseravelmente ao patronato.

(cont. na 4.ª pág.)

À ÚLTIMA HORA

VIVA O 1º DE MAIO! Organizar para o dia dos trabalhadores Uma jornada de protesto contra a subida dos preços

Com este título, a Comissão Executiva do Comité Central do Partido Comunista Português acaba de editar um manifesto, no qual saúda a classe operária e os trabalhadores, refere algumas das suas lutas mais importantes ocorridas no transcurso do ano e lança as palavras de ordem para o próximo 1º de Maio.

Por aumento de salários! contra a carestia de vida!

«Com este objectivo, diz-se no manifesto, devem os trabalhadores, nas vésperas do 1º de Maio, organizar a partir das empresas, e apoiando-se nos sindicatos, uma vigorosa ofensiva na luta pelas reivindicações principais: Por aumento de salários! Contra a carestia de vida! Devem intensificar a luta contra a aceleração dos ritmos de trabalho, pela diminuição da jornada de trabalho, por novas conquistas sociais.»

Fim da guerra colonial! Independência para as colónias!

«Fim da guerra colonial! Negociações com os legítimos representantes de Angola, Guiné e Moçambique! — são reclamações populares que devem fazer-se ouvir no dia dos trabalhadores.»

Contra a dominação imperialista!

«Fora com as bases estrangeiras! Fora com os exploradores estrangeiros! — são reclamações populares que devem fazer-se ouvir na jornada do 1º de Maio!»

Contra a repressão e a opressão fascistas!

«Liberdade para os presos políticos! Amnistia! Abolição das medidas de segurança! Dissolução da PIDE-DGS! Liberdade de associação! Liberdade de reunião! Liberdade associativa! Direito de greve! — são reclamações populares que devem fazer-se ouvir na jornada do 1º de Maio.»

Solidariedade ao Vietnam heróico e aos povos do Laos e Camboja!

«Fim aos crimes do imperialismo no Vietnam! Americanos tirem as patas da Indochina!»

«A classe operária e os trabalhadores portugueses associam-se aos esforços dos trabalhadores e da opinião progressista de todos os países na luta pela paz e pela segurança na Europa. O apoio dos trabalhadores portugueses à Conferência de Segurança Europeia deve estar presente na jornada do 1º de Maio.»

Operários! Trabalhadores!

«Nas vésperas do 1º de Maio, o vosso Partido — o Partido Comunista Português — exorta-vos a intensificar a luta por todos os objectivos apontados, exorta-vos a reunir esforços com vista à preparação e organização de uma jornada de protesto contra a carestia de vida no dia dos trabalhadores.»

Que em cada empresa, que em cada zona e localidade proletárias, se estudem as formas de acção adequadas: — Grandes reuniões! Concentrações! Paralisações! Greves! Manifestações de rua!

Não trabalhar no dia 1º de Maio! É uma velha reivindicação dos trabalhadores portugueses que poderá ser imposta em muitos lados.»



CAZAL RIBEIRO E AS BOMBAS

Cazal Ribeiro tem um mérito em relação a outros fascistas: não se cobre de verniz e fala claro. Traduzindo a inquietação que lavra nas próprias camadas governantes, Sá Carneiro pronunciou-se contra as torturas infligidas aos presos pela PIDE-DGS? Cazal Ribeiro protesta. Segundo ele, torturas é pouco. Os presos não deviam apenas ser torturados. Deviam ser despedaçados à bomba! Assim mesmo. Vem nos jornais.

Como se vê, os terroristas, os verdadeiros terroristas, são eles, os Cazais Ribeiro & C^a. E por detrás, a soprar-lhes ânimo, M. Caetano e o seu governo.

KAULZA E A «OBRA CIVILIZADORA»

O general Kaulza de Arriaga, comandante do exército colonialista em Moçambique, deu em tempos lições de estratégia em cursos de Altos Comandos. Nesses cursos esclarece que os colonialistas não estão interessados em «civilizar» as populações africanas. Ensina que o «estado tribal» é o mais favorável à dominação branca. Adverte que se não pode permitir que aumentem, nem a população africana, nem o número de «negros evoluídos», que exceda o ritmo do «povoamento branco» (lições 3,9 e 10).

São tão reveladoras estas lições que pena é não estejam editadas e à venda. Proporíamos apenas que, em vez do título original, «O problema estratégico português», se chamassem «O colonialismo e o racismo sem máscara».

«OBJECTIVIDADE»

Alguém resolveu editar uns cadernos sobre a situação e a luta dos povos submetidos ao colonialismo português. No geral, contém, informações úteis. Mas num deles, ao dar balanço das acções de solidariedade do povo português, vem à tona o facciosismo. Parece que, ao todo, em Portugal, essa solidariedade se resumiu a uma declaração feita em tempos por H. Galvão e a uma velada, aliás positiva, numa igreja.

Actividade dos comunistas? Deserções de dezenas de milhar de jovens? Manifestações? Campanhas de agitação? Acções da ARA? Nada disso existe segundo o autor destes cadernos. Santa «objectividade»...

PIRUETA «MAOISTA»

Os maoistas portugueses mereciam um prémio pela sua delirante imaginação. Sabeis a última? Afinal já não é preciso «reorganizar» o PCP, porque já está «reorganizado». Dizem agora os maoistas que tinham realizado em 1970 o V Congresso do «PC de Portugal»! Por súbita amnésia, ou por outras absorventes preocupações, tinham-se esquecido desse histórico acontecimento. Chegam a Agosto de 1971 e recebem a memória. Fantástico! Que acontecimentos maravilhosos igualmente históricos não estarão ainda esquecidos? Tudo é de admitir. Até que venham um dia lembrar-se de que já anos atrás fizeram a revolução sem ninguém ter dado por isso...

GRIADA A U.E.C.

(cont. da 1ª pág.)

popular e antifascista, não ignoram que na base de toda a acção desenvolvida está a acção firme, corajosa e abnegada dos jovens comunistas. Por isso acolhem com entusiasmo e alegria a notícia da criação da U.E.C., confiantes em que o ardor revolucionário dos estudantes comunistas orientado pelos princípios definidos na Declaração da U.E.C., constituirá um factor de esclarecimento e mobilização da juventude progressista das escolas, rasgando novas e empolgantes perspectivas para a luta estudantil.

Consciente da responsabilidade desta missão, a Comissão Central da U.E.C., numa saudação ao C.C. do P.C.P., saudando através dele todos os militantes do Partido, em especial os camaradas encarcerados nas prisões fascistas, a classe operária e todos os trabalhadores portugueses, afirma designadamente:

«Sabemos que a acção revolu-

cionária dos estudantes comunistas se abrem amplas perspectivas, mas sabemos também que duros combates nos esperam. Para elevar a luta estudantil a um nível superior, para reforçar a participação dos estudantes nas grandes batalhas do povo português, para ganhar largas camadas de estudantes para a causa da classe operária e os ideais do socialismo, para enfrentar com êxito a feroz perseguição que o fascismo move aos comunistas, em toda a sua actividade política, organizativa e ideológica, a U.E.C. inspirar-se-á sempre no exemplo do Partido, na experiência acumulada pelo Partido ao longo de 50 anos de luta heróica sob a bandeira do marxismo-leninismo».

Seguro de interpretar e partilhar os sentimentos de entusiasmo e apreço de todos os comunistas, da classe operária e dos trabalhadores em geral, o «Avante!» saúda a U.E.C. e diz-lhe:

Ao trabalho, camaradas! Que a vossa luta, que também é nossa, seja coroada dos maiores sucessos!

RESISTÊNCIA NOS QUARTÉIS

● TAVIRA—Os instruendos do C.S.M. têm realizado várias acções de protesto, caracterizadas por grande unidade combativa, contra a pouca quantidade e a má qualidade da alimentação.

No dia 2 de Fevereiro, ao almoço, todo o refeitório (aproximadamente 1.020 soldados-instruendos) protestaram enérgicamente, batendo com os pratos, contra a pouca quantidade da comida. O oficial de dia ameaçou puxar pela pistola, o que intimidou momentaneamente alguns, mas logo a seguir o barulho ensurdecedor continuou. Impotente, o oficial de dia mudou de tática e fez sair os instruendos, mesa por mesa, dispersando-os. Indignados, os soldados

preparavam-se para continuar a luta nesse mesmo dia. A palavra de ordem: «levantamento de rancho para o jantar» é posta a circular. Atentos, porém, os comandos fizeram servir um jantar de boa qualidade.

● MAFRA—Quando da visita de Caetano, apareceram várias inscrições com a palavra de ordem: «deserta!»

No refeitório, um grupo de generais, brigadeiros, etc, perguntaram se a comida era sempre assim (o «rancho» fora melhorado, claro!). É normalmente «uma merda» (sic), responderam-lhe muitas vezes. Os senhores riram amarelo.

Foram convidados, um elemento de cada pelotão, para almoçar com Caetano. Temos notícia de um pelotão que unânimemente recusou essa «honra».

As lutas nos quartéis, reflectindo o profundo descontentamento da juventude e do povo português, começam a alarmar os comandos fascistas. Minando a disciplina militar e o «moral» do exército, estas lutas transformam-se em poderosas formas de acção contra a guerra colonial e o fascismo.

A ida de M. Caetano a Mafra e os discursos do ministro da Defesa revelam a inquietação do governo. Essa inquietação está igualmente patente nas circulares do ministro do Exército chamando a atenção para os movimentos reivindicativos em torno da alimentação e recomendando esforços no sentido de a melhorar. No mesmo sentido, vão ainda os pedidos de informação enviados pelo Quartel-General de Lisboa às unidades da Região Militar acerca das reacções à luta dos sargentos da Região Militar de Angola, por aumentos dos vencimentos.

QUANTIAS RECEBIDAS DOS amigos do Partido

Bento Gonçalves	124\$00	Químico e têx-til verm.	25\$00
Camp ^a , perse-guidos poli-ticos	320\$00	Saudamos lib.	
Heos	320\$00	P. Jorge e B.	
Democrata	10\$00	Teixe.	1.117\$00
verm.	10\$00	Soeiro P.	
Metalgúrico	143\$50	Gomes	40\$00
verm.	143\$50	Vira o	
O povo é tudo	PCP	1.250\$00	
TOTAL:		2.089\$50	

Recebemos de Can. para os presos políticos 500 F.F.

UMA LEI

(cont. da 5ª pág.)

passaram e nada de decreto. As dificuldades do governo para redigir as normas de actuação desse bando de criminosos dando-lhe a aparência de uma organização de bem, patriótica, são compreensíveis... A dissolução pura e simples da PIDE-DGS resolveria a dificuldade de M. Caetano e encheria o nosso povo de ateria. Sem lei a que tenha de submeter-se e sem normas conhecidas por que tenha de orientar-se, a PIDE-DGS não pode deixar de ser considerada ilegal e fora da lei e como tal tratada pelo povo português, que deve reclamar cada vez com mais força e determinação a sua dissolução.

CAMPANHA 50º ANIVERSÁRIO

Transporte:	1.272.738\$80	Barreiro Socialista - I	500\$00
Assim se tem - para o avo	50\$00	Idem - II	200\$00
Estudantes - A. Cunha (D)	400\$00	Lista 4	
Ferreira Soares	265\$00	Kalinka verm.	20\$00
Pires	550\$00	Uma luz no mundo	50\$00
Jorge Id.	100\$00	Operário verm.	20\$00
Reforma G.e Dem.	10\$00	do sabão	20\$00
do Ens.	1.970\$00	Fid. Castro	20\$00
Unidade na luta pelo socialismo	100\$00	Tecedeira	
Universidade	2.700\$00	comunista	10\$00
liore	2.700\$00	Em honra de Lenine	20\$00
Vigilância ideológica	2.500\$00	Cat. Eufem.	5\$00
Vina	200\$00	Ferroviária	20\$00
ARA	70\$00	antifasc.	20\$00
50º aniv.	100\$00	Lista 5 - B	20\$00
50º PCP	100\$00		20\$00
Emblemas	190\$00	(nomes)	5\$00
CAMPANHA NATAL:		tiagi-	5\$00
Lista 1	10\$00	veis)	5\$00
Calado	7\$50		2\$50
Monteiro	8\$00		5\$00
Alda	7\$50		5\$00
Carlos	7\$50		5\$00
Arminda	15\$00		5\$00
Rodrigues	7\$50		5\$00
Lista 3	20\$00	Lista 6	5\$00
Rubrica	19\$00	Anibal Ch.	20\$00
*	5\$00	Branco	5\$00
*	10\$00	P.	5\$00
*	10\$00	R.	2\$50
*	10\$00	G.	2\$50
*	20\$00	M.	3\$00
*	5\$00	J. P.	2\$50
*	2\$50	J. E.	7\$50
*	10\$00	João	
*	5\$00	Cardoso	20\$00
*	10\$00	A. M.	10\$00
*	5\$00	F. E.	1\$50
*	50\$00	J. C.	5\$00
Sem nome	250\$00	J. A. S.	5\$00
Lista 3 B		Rubrica	5\$00
Uma amiga	200\$00	A. E.	7\$50
Um amigo	100\$00	Lista 6 - B	
Uma miu-ther	302\$50	Gervásio	100\$00
Um grupo	50\$50	O Grupo	
Uma amiga	50\$00	Am.	220\$00
Alentejo	20\$00	Neto	20\$00
Grapas (2)	20.00	Natal 71	955\$00
		50º PCP	125\$00
		2 embl.	30\$00
TOTAL:	1.285.696\$60		

Contra a exploração

(cont. da 3ª pág.)

Embora tenha sido momentaneamente entravada por este sucesso, a luta prosseguirá, sem desânimos e corrigindo erros. Os trabalhadores terão de fortalecer a sua unidade, na base de reuniões, discussões e da formação duma Comissão de Unidade, escolhendo para ela trabalhadores honrados, que tenham dado provas de consciência de classe e combatividade.

A REPRESSÃO NÃO SALVARÁ O REGIME

Em coordenação com a frenética actividade política que a ANP desenvolve por todo o país de preparação para as próximas «eleições» para a A. Nacional fascista, o governo conduz uma desenfreada campanha de intimidação e repressiva à escala nacional contra o movimento democrático nacional, em primeiro lugar contra os comunistas.

Em 9 de Janeiro, quando angariavam abertamente fundos para os presos, a GNR prendeu no Barreiro 8 jovens que foram libertados quatro dias depois sob fiança de 2.400\$00 cada um. Também em Janeiro, a polícia prendeu dois jovens em Vila Franca de Xira. No dia 2 de Fevereiro foi presa, em Lisboa, uma empregada da cooperativa Devir.

O jovem operário do Parque de Alverca, L. Soares Sepa, preso em Dezembro passado, foi selvaticamente espancado e sujeito à tortura do sono durante 5 dias e noites seguidas.

Muitos democratas conhecidos são ostensivamente vigiados nas suas próprias casas, seguidos pela polícia; outros são convocados constantemente para a sede da PIDE com o propósito de os intimidar.

Rugas e stops monstros e em pequena escala têm lugar diariamente por todo o país, com particular incidência em Lisboa, Porto e Coimbra.

As buscas a livrarias, editoras, cooperativas, e mesmo em sindicatos nacionais, tornaram-se mais frequentes. Os bandos da PIDE-DGS levam livros e outras publicações, circulares internas e outros haveres, comportando-se como autênticos salteadores.

Em Fevereiro, foi encerrada a Associação da Faculdade de Direito e, em Março, a da Faculdade de Letras, ambas de Lisboa.

A coberto do decreto 520/71 contra as cooperativas, foram encerradas as cooperativas Coordenada e Confronto, no Porto, e algumas outras de Lisboa receberam notificação de que se encontravam em funcionamento ilegal. Isto é o entrecho para o assalto

e encerramento para breve, se não se criar rapidamente um pujante e activo movimento unitário de resistência de todos os cooperadores, capaz de ganhar o apoio activo das massas populares, contra os propósitos arbitrários do governo de reduzir as cooperativas a meros apêndices do regime.

Os tribunais plenários, inteiramente dependentes da PIDE e do governo, continuam a ditar longas penas contra os melhores combatentes pela causa dos trabalhadores, da democracia e da liberdade.

António Gervásio, membro do C.C. do P.C.P., dirigente estimado do operariado agrícola do Alentejo, foi condenado à monstruosa pena de 12 anos de prisão e às aceleradas «medidas de segurança».

Dos dirigentes sindicais D. Cabrita, Manuel Candéias e António dos Santos as condenações vão de 18 meses a 2 anos de prisão, multa e perda de direitos políticos por 5 anos. Embora arbitrárias, as penas aplicadas aos dirigentes sindicais e outros não foram aquelas que o governo e a PIDE desejariam. As acções massivas de solidariedade para com eles e contra a repressão em geral, tanto no âmbito nacional como internacional, pesaram seriamente na decisão encomendada ao tribunal — obrigaram o governo e a PIDE a encolherem as garras.

Não será, porém, a repressão que trará ao governo e ao partido fascista, ANP, o apoio de massas porque tanto clamam. Pelo contrário, só contribuirá para cavar ainda mais fundo o abismo que separa o governo fascista de Caetano das massas laboriosas, dos estudantes e intelectualidade progressista, agravar o descontentamento popular contra a sua política antinacional, toda ela orientada para servir os monopólios e os grandes agrários, aumentar a resistência e a revolta populares contra as prepotências das forças repressivas, convencer mais e mais os democratas e antifascistas, todos os homens emulheres de vanguarda, da necessidade de lutar à actividade legal e semi-legal à actividade clandestina e abertamente revolucionária para conquistar a liberdade política.

Gravemente doente GUILHERME DE CARVALHO foi libertado

Enquanto era possível recuperar a saúde para poder fazer uma vida normal, governo caetanista e PIDE não só se negaram a libertar G. de Carvalho, como tudo fizeram durante anos de prisão para lhe agravar os males e, mais tarde, impedir a descoberta e, portanto, a cura duma grave doença.

Libertando agora o nosso camarada apressadamente, o governo e PIDE procuram apenas eximir-se às responsabilidades e cobrir o crime com um manto humanitário.

Os factos acusam

Em 28 de Junho de 1971, adquirida a certeza de que obrava algo que não era apenas sangue do hemorroidal, o nosso camarada propôs uma verificação. Esta confirmou as suspeitas, havia outra espécie de sangue nas fezes.

Face a uma tal situação o «médico» da cadeia Viegas Pires, propõe um clister opaco. Antes, porém, os clisteres de limpeza não puderam ser tomados porque o doente não aguentava mais do que 2 a 3 decilitros de água. A dor era insuportável, quase originando o desmaio.

Mas o relatório do radiologista, Dr. Nascimento (de Alcobaça) diz em conclusão: «Ausência de sinais radiológicos de lesões orgânicas dos vários segmentos do intestino grosso. Fenómenos de irritabilidade de cólica e obstipação».

Perante aquela sábia conclusão, a não menos sábia tese do «médico» VIEGAS PIRES de que se tratava duma COLITE sai reforçada.

No dia 14 de Setembro, G. de Carvalho desmaiou ao regressar do recreio. Avisado o «médico» da prisão, que se encontrava em férias, mandou tratar a colite com vários medicamentos.

No dia 27 de Outubro novas radiografias são tiradas. O relatório diz apenas: «Observaram-se sinais a favor da colite espasmódica com obstipação».

A situação deteriora-se: perda de apetite; perturbações urinárias; zona da bexiga quente; dificuldade em reter a urina.

Foram-se realizando várias análises ao sangue, à urina e às fezes. As últimas em 23 de Dezembro do ano passado. Entretanto a situação continuou a agravar-se assustadoramente sem que medidas eficazes fossem tomadas.

Em meados de Dezembro, já o nosso camarada praticamente não pode obrar. As dores acentuam-se e tornam-se insuportáveis só sendo aliviadas por meio de medicamentos. Não obstante, continua na cadeia e não é feito observar por um especialista.

O «médico» da cadeia sempre informado do evoluir da doença, palpa-lhe pela primeira vez (!) a barriga e só então resolve propor que G. de Carvalho seja observado por um especialista. Observado. E não a sua transferência imediata para um hospital dispondo de todos os meios de tratamento especializado. Face a isto o nosso camarada pede para ser imediatamente observado pelo Dr. António Catita, que se deslocou a Peniche para o efeito no dia 26 de Dezembro.

Crime premeditado?

Observando a radiografia do clister opaco tirada a 29 de Junho, o Dr. Catita diz imediatamente que fora mal interpretada pelo radiologista, propondo a imediata transferência do doente para a Prisão Hospital de Caxids.

No dia 6 de Janeiro deste ano, acompanhado por agentes policiais, G. de Carvalho é observado no consultório do Dr. Catita, confirmando-se a existência duma doença que era curável seis meses antes.

As hemorragias vão sempre aumentando e a 17 de Janeiro deixa de obrar, a não ser sangue, mas só três dias depois é operado. Muito tarde.

Tudo indica, pois, que a PIDE-DGS e os serviços prisionais dependentes do ministério da Justiça traçaram um plano de liquidação lenta da vida de Guilherme de Carvalho e realizaram-no friamente durante anos.

Interpretar os factos relatados apenas como incompetência do Viegas Pires e do radiologista Nascimento? Não! Se incompetentes foram escolhidos pelo governo ficando, portanto, o crime de pé.

Não espantará que os serviços prisionais e o governo venham a apresentar a «tese» de que se tratou de um engano do radiologista e procurem arrumar assim o problema.

Médicos e enfermeiros indignos são apenas instrumentos do governo e da PIDE-DGS. Estes são os verdadeiros e únicos responsáveis pela ruína física de Guilherme de Carvalho.

Este novo crime do fascismo coloca todos os democratas antifascistas, todos os homens e mulheres de coração do nosso país, ante a tarefa inadiável de multiplicarem a sua actividade e esforços para arrancar da prisão presos doentes como Ilídio Esteves, Rogério de Carvalho, José Carlos, José Magro, António Dias Lourenço, cujo tratamento e cura dos males que sofrem há muito ainda é possível.

UMA LEI

para cobrir a actividade criminosa da PIDE-DGS

A proposta de lei sobre a organização judicial agora em discussão na chamada A. Nacional, não passa de um pró-forma para inglês ver pois, antes de ali ter dado entrada já o governo tinha decidido que apenas aceitaría emendas de forma.

O futuro imediato nos dirá se assim foi ou não.

Com tal medida «reformadora» o governo procura simplesmente cobrir a actividade criminosa do seu bando da PIDE.

Com a nova lei, a PIDE-DGS continuará acima da lei. Dado que os juízos de instrução a criar não

abrangem os «delitos» instruídos por ela, os presos políticos, ou apenas suspeitos de o serem, continuarão sem qualquer defesa entregues ao arbitrio daquele bando. O governo legaliza assim a tortura e mesmo o assassinato político como forma de investigação.

A coisa é tão aberrante que até mesmo entre os insuspeitos deputados da chamada Assembleia Nacional e os procuradores à Câmara Corporativa se levantaram vozes discordantes que reflectiram, diga-se de passagem, o largo movimento nacional contra as cruéis torturas a que a PIDE sub-

mete homens e mulheres por serem simplesmente adversários do regime, contra os processos-farsa organizados na base de declarações arrancadas a alguns presos por esse processo anti-humano, contras péssimas condições prisionais, pela libertação de homens e mulheres injustamente condenados a longas penas de prisão.

Quando da mudança do nome da PIDE para DGS, o governo do Sr. Caetano anunciou para breve um decreto regularizando a sua actividade. Quase três anos se (cont. na 4ª pág.)

CHINA - ESTADOS UNIDOS

UMA APROXIMAÇÃO, PARA QUÊ?

O Partido Comunista Português sempre se pronunciou e continua a pronunciar-se pela normalização das relações entre estados numa base de igualdade de respeito dos interesses mútuos e dos interesses nacionais dos outros povos, da coexistência pacífica, da paz.

Sendo assim está fora de dúvida que não excluimos a normalização das relações entre a República Popular da China e os Estados Unidos.

Mas será que foram estes os objectivos das conversações entre Nixon e os dirigentes chineses?

Orientadas do lado norte-americano sob a bandeira do anticomunismo, orientadas do lado chinês sob a bandeira do mais descereado anti-sovietismo, tais conversações nunca tiveram, nem podiam ter, em vista servir os interesses dos povos que aspiram à sua independência e liberdade, ao progresso social e à paz, mas tão somente servir os interesses imperialistas dos Estados Unidos e as ambições hegemónicas dos dirigentes chineses vividas de nacionalismo de grande potência.

Do lado dos Estados Unidos. Esteve sempre presente o plano ambicioso de provocar o aprofundamento das divergências entre a URSS e a China, dividir os países do campo socialista e separá-los da União Soviética, provocar dificuldades e a divisão no movimento comunista e operário mundial.

A procura duma saída airosa e favorável na Indochina, onde os agressores de Washington se atolaram até ao pescoço, foi outro problema que andou desde o princípio nas pastas dos negociadores norte-americanos e que Nixon levou para Pequim.

Até que ponto conseguiram os seus objectivos, o futuro o dirá.

No preciso momento em que Nixon declarava o direito à autodeterminação dos povos da Indochina, ele próprio ordenava cinicamente a intensificação dos bombardeamentos aéreos à República Democrática do Vietnam e a várias regiões do Vietnam do Sul e do Laos.

Ainda que sendo problema menor, as eleições presidenciais norte-americanas, que Nixon e os republicanos esperam ganhar, fazia também parte da bagagem política de Nixon.

Do lado da China. Ante o falhanço da política de conquista do lugar de potência-chefe do campo socialista e de partido mentor do movimento comunista internacional, a quem pretendiam impor uma orientação aventureira embrulhada, embora, em roupagens ultra-revolucionárias, mas que nada tinha a ver, nem tem, com o marxismo-leninismo e o internacionalismo proletário, os dirigentes chineses, depois do isolamento em que mergulharam a República Popular da China durante anos, procuram agora com frequência alargar as suas relações

internacionais e conseguir auxílios, apoios e alianças que comprometem, de costas viradas para os países socialistas. Têm como direcção fundamental o anti-sovietismo mais descabelado.

O tempo, infelizmente, tem mostrado que ultra-revolucionarismo que os dirigentes chineses arvoravam não passava, como não passa hoje, de capa para cobrir o pior oportunismo de direita e mesmo para cobrir uma série de posições reaccionárias, a que aliás não podia deixar de conduzir o seu afastamento, passo a passo, do marxismo-leninismo e do movimento comunista internacional.

O apoio dado aos reaccionários do Bialra no seu tempo; o apoio claro e aberto à sangrenta repressão que teve lugar recentemente no Sudoeste contra os comunistas e sindicalistas daquele país; a posição de apoio aos reaccionários do Paquistão Ocidental quando do massacre de cerca de um milhão de bengalês; o apoio juntamente com os Estados Unidos, ao governo daquele país na guerra contra a Índia e o povo bengali que, com o apoio militar da Índia e o apoio activo da União Soviética, conquistou a sua independência nacional, são factos que falam por si mesmos e que não podem deixar de preocupar aqueles que, como nós, saudaram com alegria o triunfo da Revolução Popular Chinesa e a criação da República Popular da China como acontecimento maior depois da grande Revolução Socialista de Outubro na Rússia.

E fora de dúvida que nem tal política e tais posições não servem os interesses do proletariado e do povo chinês, nem a causa do desenvolvimento da construção do socialismo e do comunismo nos países socialistas, nem a causa da unidade do movimento comunista e operário mundial, nem a causa dos movimentos de libertação nacional, nem a causa da frente mundial contra o imperialismo.

No tribunal plenário do Porto UMA BATALHA VITORIOSA

A absolvição dos 7 estudantes de Coimbra, incluindo os dois que eram acusados de pertencerem ao P.C.P., só foi possível porque a luta dos estudantes daquela Academia foi sempre e massiva persistente e porque teve o apoio solidário de muitos professores, dos estudantes do Porto, assim como do movimento democrático nacional. A acção dos advogados e o comportamento das testemunhas de defesa durante o julgamento tiveram também a sua importância para a vitória alcançada.

Fracassou a manobra da PIDE - DGS

Como é sabido, o 2º Juízo Criminal do Porto, baseado na ausência de defesa durante a organização do processo, tinha anulado as declarações dos presos. Mas, não obstante isso, o tribunal, sob pressão da PIDE, levou por diante um julgamento sem causa para julgar.

Os agentes da PIDE, testemunhas de acusação, tentaram desmentir as declarações dos presos já anuladas, mas e barraram com enérgico protesto dos advogados de defesa.

Falhada esta manobra, os agen-

POLÓNIA

VI Congresso do POUP

Em Dezembro de 1971, teve lugar o VI Congresso do Partido Operário Unificado Polaco. O Congresso deu um balanço à actividade do Partido e aos grandes êxitos alcançados na construção do socialismo. Foram tirados os ensinamentos dos acontecimentos de Dezembro de 1970: A necessidade de manter sempre, como constantes da actividade do Partido, o objectivo do melhoramento das condições de vida dos trabalhadores, a consideração de facto da classe operária como principal força social do socialismo, os métodos leninistas de direcção do Partido e a estreita ligação desta com os trabalhadores e com a realidade. O Congresso definiu as tarefas do POUP para o desen-

volvimento social-económico do país e a sua política internacional.

O PCP esteve representado no Congresso pelo camarada Jaime Serra, membro do Comité Central, que participou também numa assembleia da fábrica de artigos de precisão FWP, onde foi aprovada uma moção de solidariedade para com o povo e os comunistas portugueses.

«As conquistas e realizações históricas do socialismo na Polónia (disse o camarada J. Serra), sendo do interesse vital antes de mais dos trabalhadores e do povo polacos, constituem também uma valiosa ajuda aos trabalhadores e povos do mundo, que lutam para por fim à exploração e opressão social e nacional».

SUAÇÕES A PARTIDOS IRMÃOS

— Por ocasião do 50º aniversário DO PARTIDO COMUNISTA DO CHILE, o C.C. do P.C.P. enviou uma mensagem de saudação ao C.C. daquele Partido.

Depois de afirmar que «os comunistas chilenos, campeões da unidade da classe operária do Chile, foram ao longo dos anos os perseverantes artesãos da unidade popular anti-oligárquica e anti-imperialista, ganhando largo prestígio e apoio da parte das massas camponesas, das camadas médias, da intelectualidade, da juventude, afirmando-se assim um grande partido nacional e patriótico», a mensagem salienta: «Ao comemorarmos 50 anos dum passado glorioso, os comunistas chilenos estão hoje empenhados em grandes e complexas batalhas para con-

solidar e ampliar as recentes vitórias históricas alcançadas pela Unidade Popular contra o imperialismo norte-americano e a oligarquia».

— Numa mensagem dirigida ao III Congresso DO PARTIDO COMUNISTA LIBANÉS, o C.C. do nosso Partido formulou os seus votos de que dos trabalhos daquele Congresso resultem novas vitórias e o reforço do Partido Comunista Libanés, «vanguarda marxista-leninista do povo trabalhador do Líbano, combatente denodada pela causa da libertação nacional e o progresso social dos povos árabes contra o imperialismo, o sionismo e a reacção, digno campeão da grande causa do socialismo».

Um professor universitário, festunha de defesa, declarou possuir ele próprio uma colecção do Avante! recebidos pelo correio, colecção que aliás desejaria completar. Um professor assistente da Faculdade Ciências declarou que também recebia o Avante! e que considerava plágio, mesmo uma provocação, que existisse um pasquim da extrema-direita intitulado O Militante. Um outro assistente disse também receber o Avante! e teria dito também que se a PIDE prendesse todos os portugueses que o têm teria de prender muitos milhares. Em determinado momento um dos advogados de defesa agita no ar um exemplar do nosso órgão central dizendo: «ainda ontem o recebi pelo correio».

E assim o Avante! e O Militante saíram vitoriosos de mais uma peleja contra o fascismo.

Os cães da PIDE ameaçam morder

Raivosos pela derrota sofrida, os agentes da PIDE presentes no tribunal levaram a efeito provocações tentando intimidar os advogados de defesa.

Quando o Dr. Arnaldo Mesquita tomava notas a propósito do problema das visitas aos presos, o agente Capela insinuou provocadoramente que ele estava a fazê-lo para informar o Partido. E ao

(cont. na 2ª pag.)

tes da PIDE socorrem-se dos «serviços secretos» como fonte de elementos de que se servem para a acusação (!), conforme declararam, mas nada disseram sobre os tais «serviços secretos» não obstante a insistência dos advogados.

Torturadores da PIDE são desmascarados

Os acusados acusaram os torturadores da PIDE em pleno tribunal, desmascarando o chefe de brigada Capela e outros agentes que ali se encontravam na qualidade de testemunhas de acusação. O facinoroso Capela ainda tentou desmentir, mas ante a réplica dos acusadores remeteu-se ao silêncio.

Também o «Avante!» e «O Militante» são absolvidos...

Ter em seu poder o Avante! e O Militante constitui matéria de acusação? Pelo contrário, estas publicações constituem ricos materiais de informação para quem deseja estar informado sobre os movimentos sociais do nosso tempo, como ficou demonstrado no tribunal.